

E de mais ninguém. —J.

Se você encontrar, não abra antes do trovão.

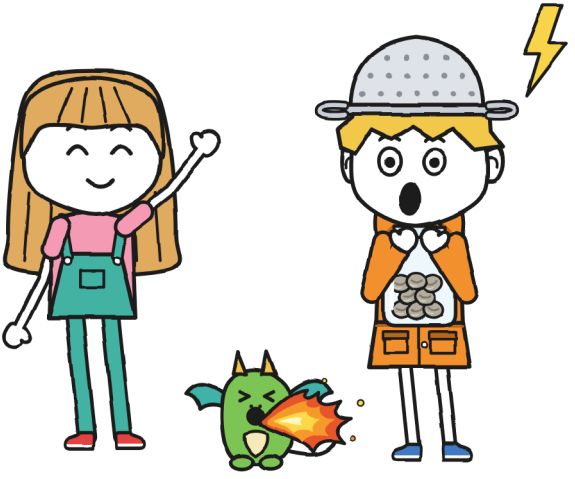
SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: não faça isso. Se durar várias páginas, diz DESDE AQUI e ATÉ AQUI. Com tempestade de verdade, vale a última página. —J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Lui Eriksson

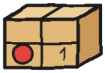


TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2
Não abrir antes do trovão
Segundo livro da série. O primeiro: “Este pacote morde”.
Texto e ilustrações: Lui Eriksson
Versão em português: LinguAula
TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+
Primeira edição: 2026
© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.
Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

Trabalhe cada capítulo em
linguaula.com

Nenhum trovão foi ferido durante a escrita deste livro. –J.



CAPÍTULO 1

Caçador de tempestades

Na loja em frente tem um pacote que treme.

No sábado passado, ele se mexeu uma única vez. Desde então não parou: um tremor fino e contínuo, como o de um cachorro pequeno na sala de espera do veterinário. Faz sete dias que está assim. A cada dia, um pouco mais.

E eu tenho caderno novo.

O caderno 1 acabou. A Mara, a dona da Entregas Impossíveis, me deu este: capa azul e o carimbo vermelho da loja num canto. Na primeira página escrevi o título, com uma palavra nova:

CADERNO DE ENTREGAS 2 · do Guto. OFICIAL.

"Oficial" quer dizer que eu leio primeiro. Oficialmente. –J.

Mara diz que caderno oficial não é para rabiscar. Vamos ver: este já tem um desenho.

O que é preciso saber sobre o outro caderno: há dois sábados, a Júlia (a dos bilhetes verdes) e eu entregamos, de noite, por

uma passarela e sem nenhum adulto, um ovo que ninguém tinha conseguido entregar em anos. Agora ele é a Migalha, um filhote de dragão que me imita em tudo. Mara, a bruxa da loja, nos castigou: todos os sábados lá, às dez. Eu sou o novo do bairro, e quase tudo que é meu continua em caixas.

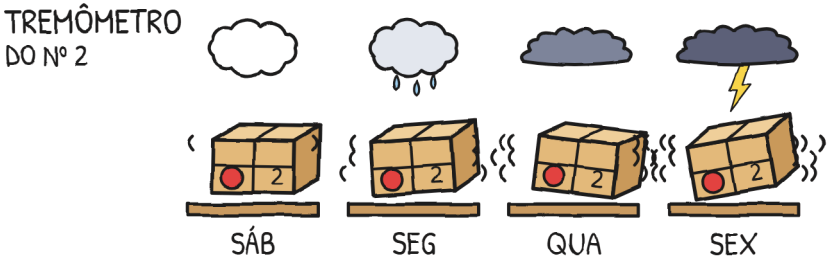
O que treme é o nº 2. Está na estante dos devolvidos e tem uma etiqueta que eu sei de cor: li todas as tardes desta semana, em pé e sem tocar nela, enquanto Mara fazia de conta que não me via:

- Nº 2 · FRÁGIL.
- DESTINO: Flora, Rua do Canal, 9.
- INSTRUÇÕES: NÃO ABRIR ANTES DO TROVÃO.
- REMETENTE: R.

Em volta, vinte e três carimbos de DEVOLVIDO. Contei duas vezes, para o caso de algum ter caído.

Um devolvido é um pacote que ninguém conseguiu entregar: se quem o recebe não assinar a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer ele volta voando para a estante, em fila, como patinhos. Restam dezenove: está escrito na parede, em verde, com a letra da Júlia, e o que a Júlia escreve em verde não apaga. Quem manda todos é sempre a mesma pessoa, R., de quem só se sabe que tem uma letra horrível.

Toda tarde eu anotava o quanto ele tremia e que tempo fazia: foi assim que nasceu o TREMÔMETRO DO Nº 2. Na sexta, a nuvem já tinha um raio dentro.



Não treme de medo: treme porque vem uma tempestade. No sábado, às seis da tarde. Já olhei seis vezes na previsão do tempo. —].

Li o bilhete duas vezes. Na segunda, só a parte das seis.



No sábado, às dez, Mara — chapéu roxo, carimbo que solta faíscas com cheiro de vela apagada — nos esperava atrás do balcão com o nº 2 nas mãos. Não na estante: nas mãos. Ao lado do carimbo continuava o sapo de borracha, meu desde que deixou de ser de ninguém. E Toninho, o entregador da RAIO, estava em pé, de capacete: aos sábados o castigo também é dele, e Toninho cumpre castigo do jeito que entrega, pontual e sem tirar nada, nem o capacete.

— Eu mesma levei esse pacote vinte e três vezes — disse Mara. — E nenhuma com tempestade.

Mara passou o polegar pela etiqueta. Olhei a vitrine, cada vez mais cinza: a viagem de hoje não ia ser como as outras.

— Este — anunciou Mara — vocês vão entregar. Hoje à tarde.

Júlia deu um pulo que quase tocou o cartaz de RESTAM 19, e ao cair já estava falando. Eu não pulei: fiquei com duas palavras, “hoje” e “tarde”, e com uma hora, as seis, que pesavam mais do que o pacote.



Mara impôs três condições, contando nos dedos:

1. Vocês saem às cinco, antes que a tempestade chegue, e ficam na casa da Flora até ela passar.
2. As famílias de vocês já sabem, e a Flora também.
3. A regra é a da etiqueta: não se abre antes do trovão. E tem que ser o trovão que estoura em cima da gente: os de longe não valem.

Reconheci o truque: eram quase as regras da bronca da Vera, a dona da Migalha, só que ditas antes e não depois. Mara não estava lá na bronca e ficou sabendo mesmo assim: neste bairro, as broncas chegam antes dos pacotes.

— E você não vem? — perguntou Júlia.

— Tenho coisas para fazer aqui — respondeu Mara, e olhou pela vitrine o céu, que estava ficando cinza.

No fim do balcão havia uma manta dobrada, uns abafadores de ouvido, desses de esquiar, e uma panela. Vi tudo. Continuei olhando o pacote.

Então Júlia olhou para mim.

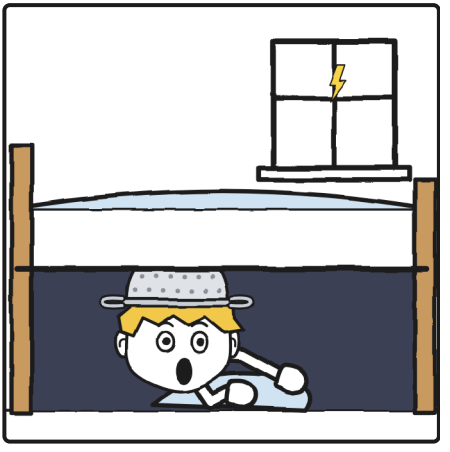
— E você? Gosta de tempestades?

Perguntou olhando direto para mim. Eu podia ter dito a verdade. Disse isto:

— Adoro. No bairro antigo, eu era caçador de tempestades profissional.

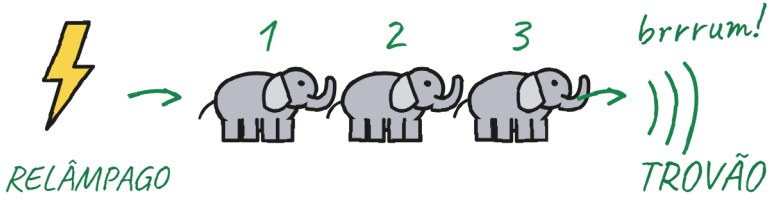
No outro caderno, uma mentira levou um dia e uma noite para voltar. Neste decidi poupar o caminho dela: desenhei a mentira naquela mesma manhã e, no quadrinho ao lado, a verdade.





O escorredor de macarrão era o da nossa cozinha, de aço, com duas alças. Não barrava raio nenhum. A mim ajudava ter alguma coisa em cima da cabeça. Agora estava em alguma caixa da mudança, junto com a tesoura que minha mãe procurava havia uma semana.

Júlia me ensinou a contar uma tempestade, no meu caderno, sem pedir permissão e em verde.



um elefante, dois elefantes, três elefantes...

1 elefante = 1 segundo

3 elefantes = 1 quilômetro (mais ou menos)

0 elefantes = EM CIMA!

↖ Esse é o trovão da etiqueta.
Os de longe não abrem o pacote.

Mais elefantes: esse raio caiu mais longe.

Se ouvir um trovão, mesmo longe: procure abrigo!

A gente conta do relâmpago até o trovão, em elefantes: “um elefante” dura um segundo, mais ou menos, e a cada três dá um

quilômetro. Assim dá para saber, mais ou menos, a que distância caiu aquele raio; onde vai cair o próximo, não. O que a conta também não diz é quando dá para sair, e isso, segundo Júlia, é outra regra, sem desenho: meia hora depois do último trovão.

Testei baixinho e saíram elefantes rapidíssimos, desses que não servem. Eu não precisava contar nada, porque eu adoro tempestades, mas anotei, por via das dúvidas.

Toninho leu a etiqueta por cima do meu ombro, do jeito que lê tudo que não é dele.

— A RAIO não entrega com tempestade — disse, e nos mostrou a letra miúda da mochila amarela: ENVIOS RAIO · EM DEZ MINUTOS OU DE GRAÇA e, com a lupa da Júlia, um asterisco: *Salvo tempestade.

— Ainda não tem tempestade — observou Júlia.

Toninho conferiu a letra miúda para ver se dizia algo sobre "ainda". Não dizia nada.

E assim Toninho foi com a gente. Conta os elefantes de uma vez só, "umdoistrês!", como se fossem uma entrega. Segundo ele, todas as tempestades estão a um quilômetro. Não sei se é coragem ou falta de elefantes.



Às cinco, atravessei a rua até a minha casa para buscar a capa de chuva; Júlia me esperou no hall do prédio. Minha mãe me esperava na porta do apartamento, com a capa pendurada na

mão. Ela tem uma teoria sobre o laranja: que dá para ver de longe. Nunca soube de onde ela pretende olhar.

— Coloca a capa laranja — disse. — Quer mesmo ir? Se você, quando troveja...

— TCHAU, MÃE!

Desci a escada de dois em dois degraus. Tinha calculado que, com o eco do hall, metade da frase da minha mãe se perderia no caminho. Não se perdeu. Júlia estava lá embaixo.

"Se você, quando troveja..." O QUÊ? –].

Atravessamos a Ponte Grande com o céu cada vez mais preto. De noite levantam a ponte para os barcos passarem; de dia todo mundo atravessa, e naquela hora só atravessávamos nós e um senhor apressado, em sentido contrário, que é o sentido certo quando vem tempestade. Eu levava o nº 2 com as duas mãos, bem reto. Toninho empurrava a bicicleta: é o mais devagar que já vi alguém da RAIO ir sem estar perdido.

No meio da ponte, Júlia fez para a água o cumprimento seco dela, com a mão, curto, sem sorrir, como se cumprimenta alguém de quem não se gosta. Faz isso desde a noite da passarela. Acho que é o trato: ela cumprimenta e a água deixa ela passar.

Muito longe, o céu se acendeu.

Foi uma piscada atrás das nuvens, sem barulho, como quando alguém acende e apaga a luz de um quarto em que você não está. Júlia parou de repente e contou elefantes em voz baixa, de olhos

fechados. Contou trinta antes de ouvir qualquer coisa. Eu contei com ela, por dentro, com os meus elefantes rapidíssimos, e deu quarenta e dois.



Brrrum.

— Uns dez quilômetros até esse raio — calculou. — A previsão anuncia a tempestade para as seis.

— Foi um trovão! — exclamou Toninho. — Já pode abrir?

— Para abrir o pacote, esse não conta — disse Júlia, sem abrir os olhos. — Está a dez quilômetros; o da etiqueta é o que estoura em cima da gente: zero elefantes. Mas já dá para ouvir: procurem abrigo! Corram!

Corri até a Rua do Canal, fazendo de conta que não tinha ouvido nada. Nem o brrrum nem o das seis.

— Isso foi um hic? — perguntou Júlia, sem diminuir o passo.

— Não — eu disse. — Hic!



Toninho se dobrou sobre o guidão e riu tanto que a bicicleta virou para o lado. Júlia não riu. Estreitou os olhos, como quando lê algo que não está escrito.

Um trovão, um hic: acontece comigo desde pequeno. Se a tempestade está longe, fica num só; se está em cima, vem outro, e outro, a cada três segundos, até ela ir embora. Não é medo. É uma coisa que meu corpo faz sem me consultar, como crescer ou

espirrar, e, como crescer, não para só porque a gente faz cara de nada. Sei porque já tentei com todas as caras.

Isso se chama medo. –J.



Na Rua do Canal, Vera, a de cabelo vermelho, já nos esperava na porta da Casa dos Dragões, colada à da Flora, com a Migalha nos braços. Assim que me viu, a Migalha fez a minha cara: faz isso sempre, me olha por um segundo, confere que cara eu estou fazendo e faz igual.

Deixei o nº 2 na cestinha da bicicleta do Toninho e abri os braços.

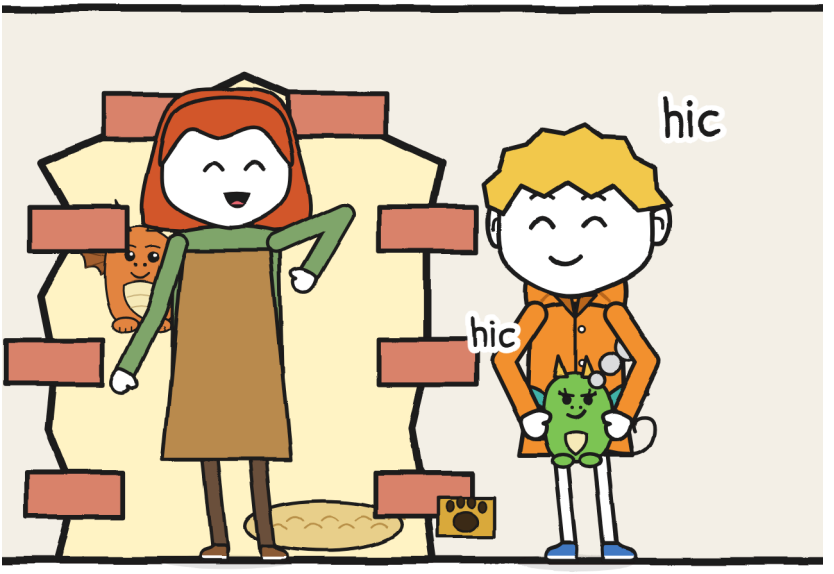
— É a primeira tempestade dela — disse Vera, e a pôs nos meus braços. — Ela imita tudo o que você faz, Guto. Até o que você sente. E, se ela se assustar, não puxe: ela se agarra. Quando passar, três batidas no muro do quintal da Flora e eu venho buscar.

— Eu não sinto nada — respondi. — Eu adoro tempestades.

Disse isso estufando o peito, e a Migalha, nos meus braços, estufou o dela do mesmo jeito, de pescoço esticado: a imagem perfeita de quem adora tempestades, em dois tamanhos. Vera olhou para nós dois, um em cima do outro com a mesma cara, e não disse nada. Vera guarda as coisas para quando elas fazem falta.

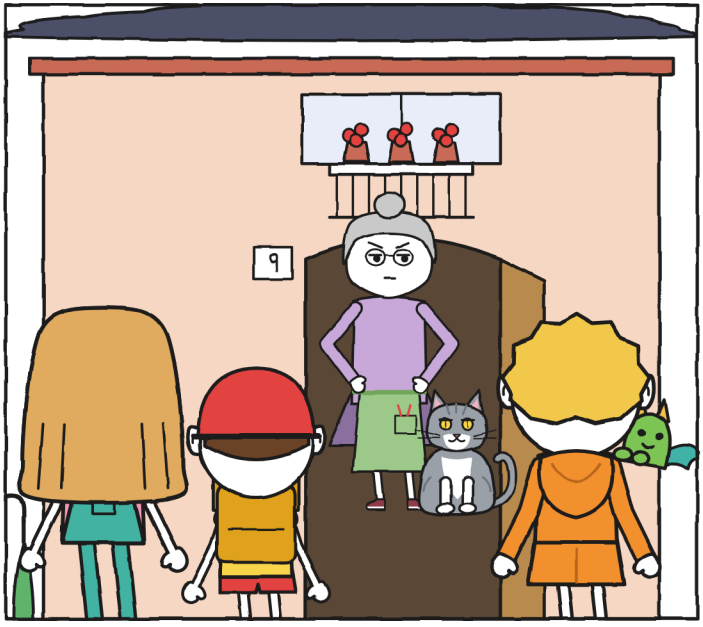
Longe, trovejou. Eu fiz hic. A Migalha fez hic, e saiu fumaça do nariz dela.

— Para dentro, já — cortou Vera, e nos empurrou para a porta da Flora.

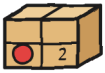


A casa da Flora é a dos gerânios, os da varanda de onde uma senhora nos olhou, há dois sábados, com o regador no ar.

Abriu a porta antes que a gente batesse: uma senhora de coque grisalho e óculos, com um avental verde de jardinagem cheio de bolsos e, entre os pés, um gato cinza de peito branco que nos olhou como se olha um pacote que não é para ele. Ela olhou a caixa. Olhou o céu. Olhou a Migalha. Nessa ordem, e dedicou a cada coisa o mesmo tempo, que foi pouco.



— A pequena da Vera. Que não chamusque as minhas samambaias — disse. — Entrem, que vem chuva. Mas já aviso: eu não assino pedras.



CAPÍTULO 2

Trovão!

A cozinha da Flora está cheia de plantas: na mesa, no chão, penduradas no teto. Entre todas deixam uns corredores por onde é preciso saber andar. As samambaias, as que a Migalha não podia chamuscar, estavam bem na altura do nariz dela.

Ao fundo, uma porta de vidro dá para a estufa; a dos fundos, de madeira, com um vidro em cima e uma portinha de gato embaixo, dá para o quintal. Pelo vidro dava para ver a chuva começando sobre as lajotas. Cheirava a terra molhada, um cheiro que eu conhecia dos parques e não das cozinhas.

No vidro da estufa havia umas gotas pintadas. Uma começou a subir. Outra a ultrapassou.

— Vidros encantados de R. — disse Flora. — Deixam passar a chuva quando eu quero. Os raios, nunca. O barulho passa sempre, fazer o quê.

Guardei isso para a ficha de R.: sabia fazer vidros encantados e já levava vinte e três tentativas sem conseguir entregar um frasco.

Na geladeira, um ímã prendia uma foto. E num prego, perto da pia, entre uma frigideira e um maço de ervas secas, estava pendurado um escorredor de aço com duas alças. Vi logo ao entrar, antes das plantas: a gente enxerga na hora aquilo que passou uma semana procurando nas caixas erradas.

Toninho pôs a bicicleta no corredor, por causa da chuva, e ficou ao lado dela, na porta da cozinha, com meio corpo para dentro: é assim que Toninho entra nos lugares que não são dele. O gato passou entre as pernas dele, e Toninho se afastou muito mais do que era preciso para deixar o bicho passar. Achei que ele não queria que encostassem na bicicleta.

Flora pôs a caixa na mesa, empurrou dois vasos com o cotovelo e abriu sem perguntar. Sem perguntar e sem ler a etiqueta: sabia por onde cede o papelão de uma caixa que já abriu muitas vezes. Dentro, no meio de palha, havia um frasco de vidro com rolha, e no frasco, oito bolinhas cinza.

— Diz que não se abre antes do trovão! — gritou Júlia.

Júlia apontou a etiqueta com o dedo. A terceira condição de Mara tinha durado o tempo que uma senhora leva para levantar uma aba.

— Hoje abri a caixa, não o frasco — disse Flora. — O que tem dentro eu já sei: R. me prometeu lamparinas e me manda pedras.

Soou como uma queixa antiga, dessas que já não se dizem para alguém ouvir, e sim porque está na hora. Olhei o frasco. As bolinhas eram cinza, lisas, como nozes pequenas, e estavam

quietas do jeito que só as pedras ficam quietas. Eu não saberia dizer que não eram. No caderno, ao lado do frasco, pus uma seta: “pedras?”. Alguém acrescentou outra, em verde: “lamparinas?”.

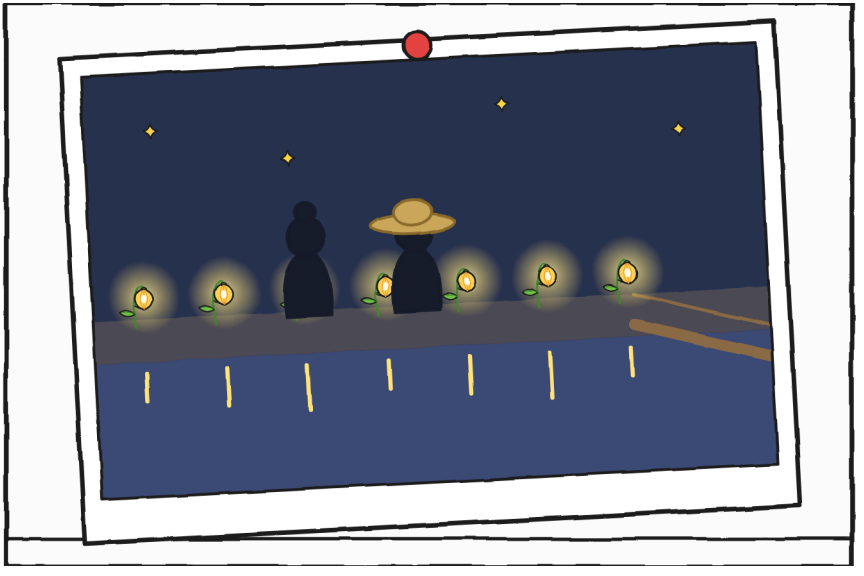
— O que é uma lamparina? — perguntei.

As que eu conhecia eram de papel colorido, daquelas penduradas num barbante entre duas varandas nas festas; duravam até a primeira chuva. Mas também não me parecia que alguém mandasse pedras com carimbo.

— Na RAIO, pedra se cobra por quilo — disse Toninho da porta.

Ninguém deu bola. Nem ele mesmo.

Flora foi até a geladeira, tirou a foto do ímã e a pôs na mesa, na nossa frente, ao lado do frasco.



Era uma foto antiga: o calçadão do canal, de noite, com uma fileira de luzinhas baixas e redondas na margem, uma atrás da outra, até onde começa a passarela. Não eram postes de luz: saíam do chão, como se alguém tivesse semeado lâmpadas. Em primeiro plano, de costas, duas pessoas plantavam alguma coisa: uma usava coque; ao lado dela, um chapéu de palha tão grande que não deixava ver quem estava embaixo. Não perguntei do chapéu. Flora não disse nada do chapéu. Entre os dois silêncios cabia uma pessoa inteira.

— Plantas que guardam a luz dos relâmpagos e iluminam a noite inteira — disse Flora. — As sementes, R. trazia já acordadas, em noites de tempestade; eu punha a terra. Nunca vi nenhuma dormindo. As lamparinas foram se apagando, uma a uma, e R. não voltou mais: agora manda este frasco.

Flora prendeu a foto de novo na geladeira. Ficou torta. Ela a endireitou com um dedo e ficou ali mais um instante.

Por isso o canal estava tão escuro. As luzes da passarela tinham se apagado e ninguém tinha acendido de novo. Por isso ela dá tanto medo.

Dava. A mim, muito: atravessei no escuro. —J.

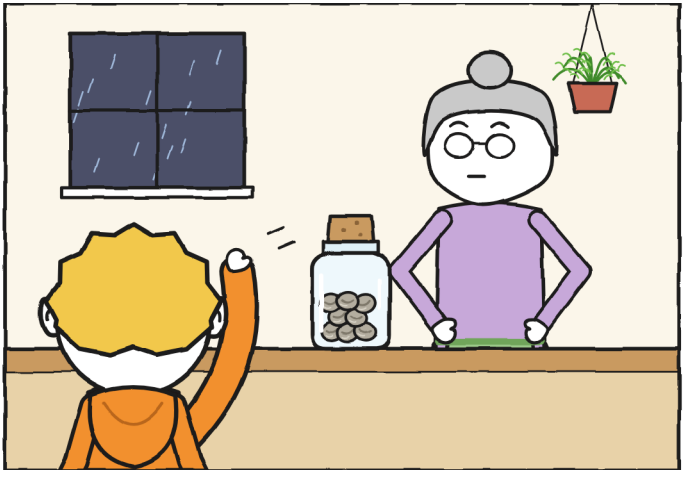
Júlia escreveu esse bilhete sem tirar os olhos da foto da geladeira. A passarela é a tábua sobre o canal que atravessamos há dois sábados, ela de costas e eu dizendo onde pisar.

— R. sempre cumpre — disse Flora. — Tarde, mas cumpre. Dessa vez se enganou.

Anotei as duas frases numa ficha à parte, a das listas que crescem: O QUE SABEMOS DE R., com um retrato que é uma interrogação. Tinha duas linhas, as duas do caderno 1: a letra horrível, segundo Mara, e a cara da Vera ao ler a inicial de R. Contando a dos vidros, naquela tarde ganhou mais três, e o retrato continuou igual.

— E a senhora já abriu alguma vez depois de um trovão? — perguntei.

Flora me olhou por cima dos óculos. Baixei a mão, que não sei por que eu tinha levantado para perguntar.



— Eu não espero ninguém — disse. — Nem um trovão.

Júlia assentiu sem perceber. Reparei e fiquei calado.

O gato da Flora se chama Trovão. Está escrito na tigela azul dele, com letras brancas, ao lado da portinha de gato, e eu copiei

no caderno, com um desenho da tigela e em maiúsculas, porque depois isso importa: TROVÃO. Anoto o nome de tudo que pode me dar um susto; aprendi com um pacote que acabou tendo dentes. É cinza como uma nuvem de chuva, de peito branco e olhos amarelos, e quando se deita junto da geladeira ronrona tão baixo e tão seguido que parece um trovão daqueles de longe, dos que ainda não dão hic.

Enquanto esperávamos a tempestade, na cozinha aconteceu de tudo e não aconteceu nada.

Júlia tamborilava na mesa com os dedos, tac, tac, tac, ao lado do frasco, no ritmo de quem já olhou seis vezes a previsão do tempo e agora só quer que comece. Flora abriu uma lata de biscoitos e deixou no meio da mesa sem dizer "fiquem à vontade"; dava para entender. Toninho, que não tinha tirado o capacete nem para isso, estava mordendo um quando trovejou, longe, um brrrum que quase não era. Fiz hic. A Migalha fez hic, e saiu uma chaminha curta que passou na frente do biscoito do Toninho e o deixou dourado. Toninho olhou, cheirou e comeu mesmo assim.

Flora, sem dizer nada, aproximou um balde de água que já tinha preparado e o deixou no chão ao lado da Migalha. E o Trovão, que até então tinha feito de conta que a gente não existia, viu a Migalha, arrepiou o lombo inteiro e parou na frente dela com o rabo grosso. A Migalha se escondeu atrás dos meus pés. Eu, sem perceber, me escondi atrás de Júlia. Ficamos em

fila: um gato, uma pequena, um menino e uma menina com os dedos na mesa, que não se mexeu.

O pior de um trovão é esperar por ele. –].

A tempestade se aproximava. Dava para notar na janela, que ia ficando com a cor de uma lousa, e dava para notar no frasco: as bolinhas, que até então tinham ficado quietas como pedras, começaram a tilintar contra o vidro, um tim fino que primeiro achei que era a chuva e depois não. Cada vez mais forte. Como se dentro do frasco também estivessem contando. Pedra não conta. Pensei isso e não falei: Flora já tinha me olhado uma vez por cima dos óculos.

Júlia contava em voz baixa, a cada relâmpago: "Doze elefantes". "Nove". Os números baixavam. E, cada vez que baixavam, o pé dela se mexia mais debaixo da mesa, batendo no chão no ritmo de nada. Eu via de onde estava. Disse que ela ia fazer um buraco no chão; ela respondeu que estava contando. Para Júlia, ninguém consegue dizer que ela tem um pé.

Então a Migalha soltou outra chaminha, pequena, sem hic, de puro nervoso, e o Trovão, que estava a um palmo, saiu disparado pela portinha de gato, para o quintal, para a chuva, com um barulho de tampa: clac. Flora abriu a porta dos fundos de um puxão e o chamou aos gritos da soleira, com toda a voz que tem, que é muita:

— TROVÃÃÃO!



Se alguém me perguntar, a mão de Júlia já estava na rolha antes do grito. Ninguém me perguntou.

E a Júlia abriu o frasco.

POP!

Foi um som pequeno e redondo, de rolha, que se ouviu perfeitamente porque na cozinha, por meio segundo, não se ouviu mais nada. Júlia levantou a rolha com a cara de quem cumpriu uma regra ao pé da letra.

— Foi um trovão! — disse.

Não tinha sido um trovão. Tinha sido a Flora gritando. Trovão é o gato.

Fiz hic, aliás. Não porque tivesse trovejado: porque alguém tinha gritado "trovão" a dois metros de mim, e o meu corpo não distingue. A Migalha fez hic, com chaminha, e Toninho tapou os ouvidos com as duas mãos, tarde demais.

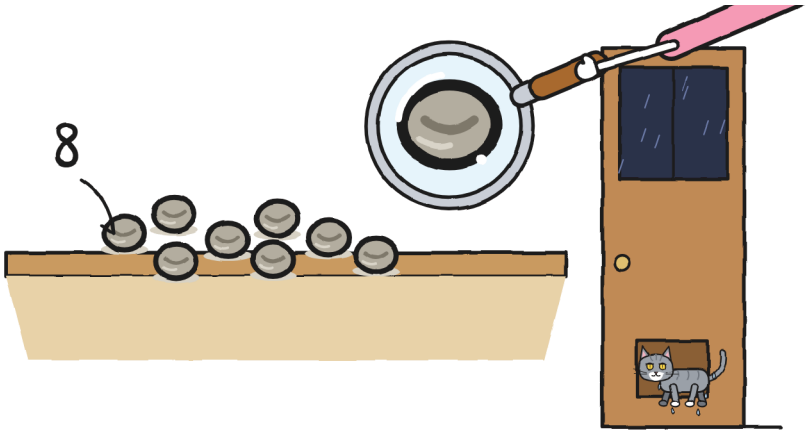
O nome do gato eu tinha copiado um pouco antes, junto ao desenho da tigela, com as letras brancas, para ficar claro.

Essa página eu li depois. –J.

Dentro do frasco só havia oito bolinhas cinza, frias e quietas. Nada se acendeu, nada pulou, nada fez tim. Júlia, que não é de se render na primeira, despejou as bolinhas na mesa com cuidado e tirou a lupa do bolso da jardineira. Eu contei com o dedo: oito. É o que faço quando não sei o que fazer. Contar.

— Têm um risquinho — disse. — Como um olho fechado.

Olhei pela lupa, emprestada. Cada bolinha tinha um risco finíssimo e curvo. Parecia uma pálpebra.



O Trovão voltou sozinho pela portinha de gato, encharcado, com o pelo colado e metade do tamanho, e se sacudiu bem em cima do balde da Migalha, que já estava cheio. Flora fechou a porta dos fundos, secou as mãos no avental e olhou para a mesa.

— São pedras — disse. — E alguém abriu o frasco antes do trovão.

Não olhou para Júlia ao dizer isso. Não precisava. Júlia ficou da cor da camiseta, rosa, e guardou a lupa no bolso bem devagar, como se guardar devagar fosse um jeito de não ter aberto nada.

Eu não entendo muito de plantas. Tive um feijão no algodão e ele não sobreviveu à mudança. Mas Flora tinha dito "nunca vi nenhuma dormindo", e eu não conseguia parar de pensar naqueles risquinhos fechados.

— Elas estão dormindo — eu disse. — Não são pedras: são sementes. Por isso está escrito "não abrir antes do trovão". Vai ver um trovão as acorda. Um bem forte, desses que fazem os vidros tremer.

Semente dormindo é pedra com planos.

Flora sentou, pela primeira vez desde que tínhamos chegado. Olhou as bolinhas. Depois disse:

— Se são sementes, que provem.

Lá fora já era quase noite. Eram seis horas. A hora que Júlia tinha olhado seis vezes.

O relâmpago deixou tudo branco.

Não houve aviso. Um instante antes a cozinha era uma cozinha, com suas plantas, sua geladeira e seu gato molhado, e no instante seguinte era um desenho em preto e branco de uma cozinha: cada folha recortada, cada um de nós com a sombra colada na parede, a janela virada numa folha de luz. Júlia abriu a boca para contar e só deu tempo de dizer "um elefan...".

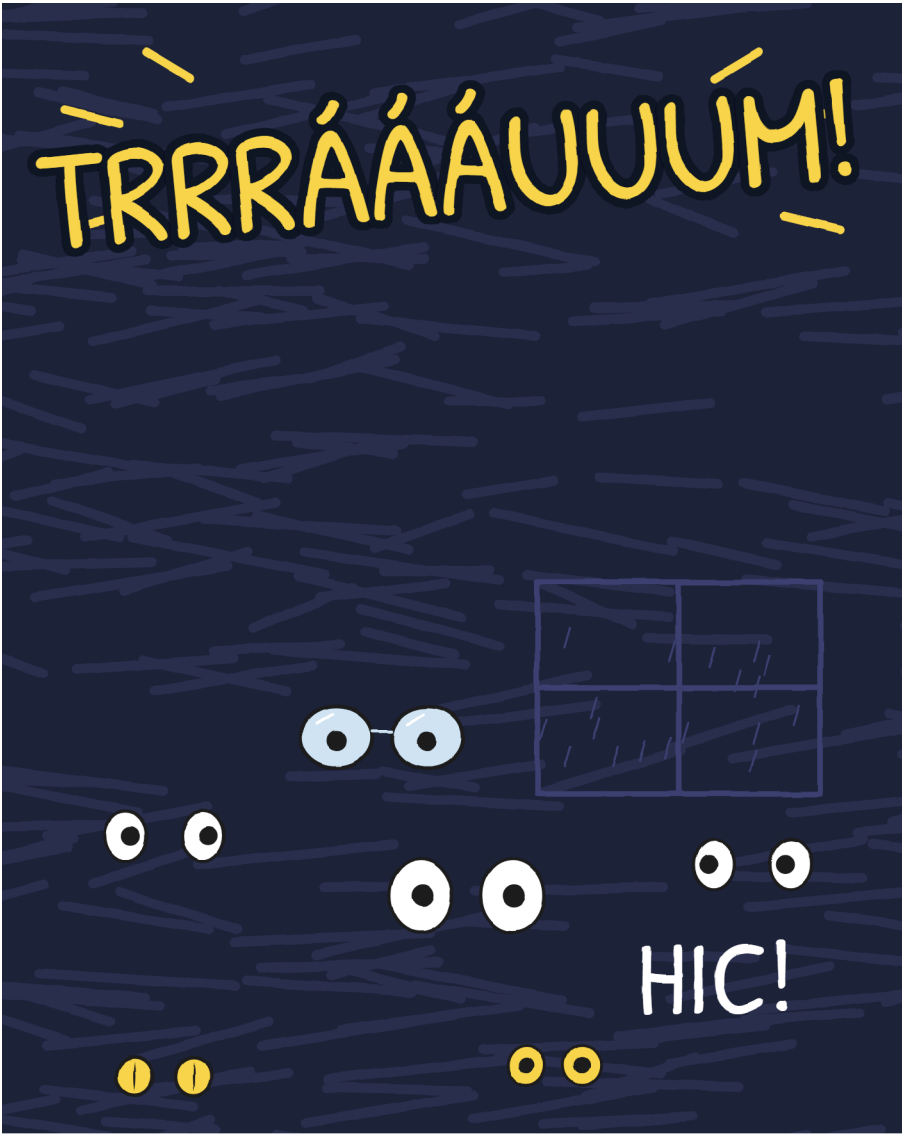
E então chegou o de verdade.

O trovão chegou junto com o relâmpago: a tempestade estava em cima. Não foi um barulho; foi um empurrão. Tremeram a mesa, os copos e os vidros, e tremeu em mim alguma coisa por dentro que não aparece no esquema dos elefantes. Zero elefantes. Em cima.

E a luz acabou.

Sumiu de vez, com aquele estalo da geladeira que para de zumbir, e a cozinha ficou preta como o fundo de uma caixa fechada. A única coisa que existia eram olhos: os meus, que eu sentia arregalados demais, os dos outros e dois amarelos colados nas minhas botas. Ninguém disse nada. Dava para ouvir a chuva nos vidros e, bem embaixo, uma respiração pequena e rápida que acompanhava a minha.

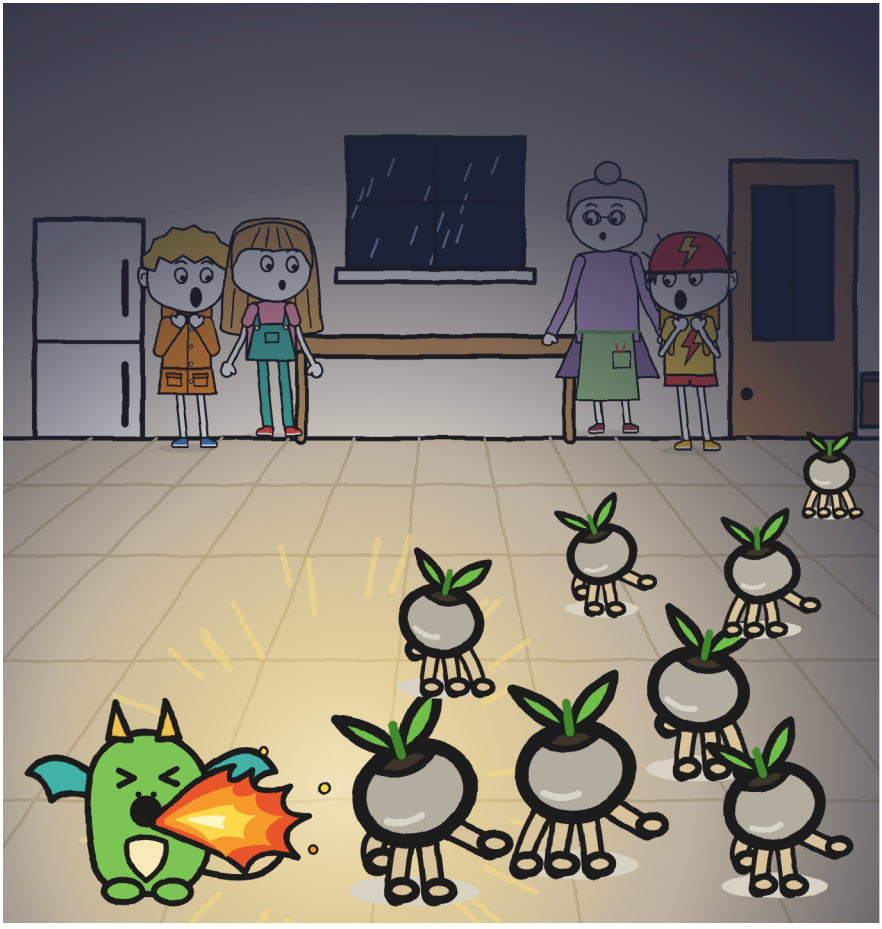
Fiz hic.



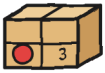
A Migalha fez hic e soltou uma labareda.

Por um segundo, deu para ver a cozinha toda.

A mesa estava vazia.



As pedras tinham patas.



CAPÍTULO 3

Se mexem se você não olha

No escuro dava para ouvir uma chuvinha miúda: tic, tic, tic. A de fora caía. Esta corria pelo chão.

Relâmpago.

As sementes estavam mais longe. Quietas, com as quatro patinhas e as duas folhinhas. Uma tinha deixado uma pata no ar. Fazia a mesma cara que eu faço quando minha mãe pergunta quem mexeu em alguma coisa.

De novo no escuro: tic, tic, tic.

Fiz hic. A Migalha fez hic. A labareda dela pegou três sementes no meio do passo. As outras continuaram correndo.

É batatinha frita, 1, 2, 3. Com sementes. –].

Flora acendeu a lanterna. Apontou para uma semente e a deixou grudada no chão. Apontou para outra. A primeira fugiu.



— São sementes! Estão acordadas!

Tinha esquecido de fazer voz de brava.

— Foi o que eu disse — murmurei.

— Então me ajuda para que elas não fujam.

Júlia se agachou. Ainda tinha a rolha numa mão. Guardou na jardineira e abriu a outra na frente de uma semente.

Errou por um dedo.

No relâmpago seguinte vimos aonde elas iam: todas para a portinha.

Flora arrastou um vaso enorme e fechou a passagem.

— Elas procuram terra molhada de tempestade. Aqui só tem terra de torneira. Lá fora quase não tem terra: tem lajotas, um caminhozinho e o canal. Se saírem, a chuva as leva para a água.

Olhei pelo vidro. Uma semente com quatro patinhas de linha duraria lá fora o mesmo que um papel numa poça.

A portinha ficou tapada. Mas agora elas estavam por toda a cozinha, no escuro, e numa cozinha há cem lugares para se esconder: embaixo da geladeira, atrás do balde, entre os vasos,

dentro do regador e debaixo da mesa, que era onde eu estava, com o escorredor da Flora na cabeça. Em casa, quando troveja, eu ponho um; este estava pendurado num prego perto da pia, e as minhas mãos o tinham tirado de lá sozinhas.

Tentamos de tudo:

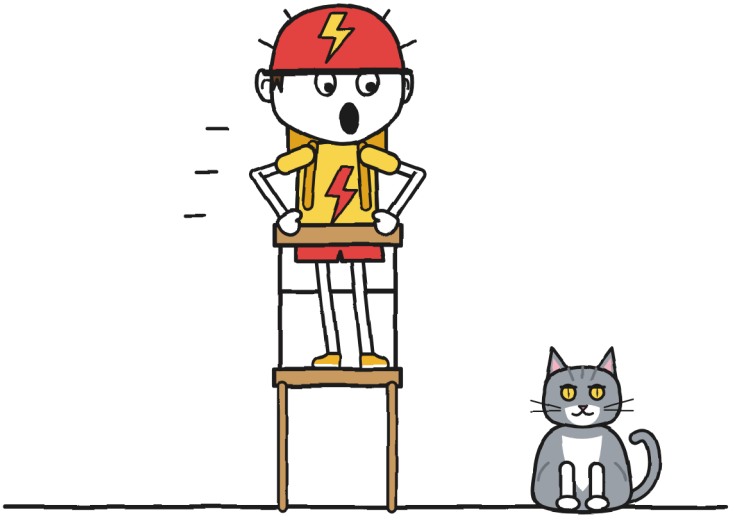
1. Júlia jogou um pano em cima de uma semente, se atirou por cima, levantou o pano e embaixo estava... o Trovão. MRRRIAU! Ele saiu do pano como os gatos saem de qualquer lugar: ofendidíssimo, e com razão.
2. Toninho perseguiu uma de quatro por baixo das cadeiras, e o Trovão, que não sabe o que é um entregador, subiu nas costas dele e ficou lá, encantado com a viagem. XÔ!
3. Eu, debaixo da mesa, fiz hic. A Migalha fez hic, e a labareda dela deixou quieta uma semente a dois palmos da mão de Júlia, que a pegou. "Uma!".
4. Flora prendeu outra no foco da lanterna e a recolheu com a calma de quem recolhe uma ameixa do chão. "Duas!".

O Trovão também as perseguia. Ele enxerga quase no escuro. Nós, não. Enquanto o resto de nós tropeçava nas cadeiras e pedia desculpa às cegas, o Trovão passava no meio sem tocar em nada, e dava para ver que ele jogava em outra liga.

Toninho não tem medo de tempestade. Toninho tem medo de gato.

Descobrimos quando o Trovão desceu das costas dele e Toninho, em vez de respirar aliviado, subiu numa cadeira e ficou

lá em pé, durinho, de capacete, com os pés o mais longe do chão que as pernas permitiam. O Trovão sentou embaixo, todo tranquilo, e ficou olhando para ele como quem olha uma vitrine.



— Não é um gato! — disse Júlia. — É o Trovão!

— PIOR!

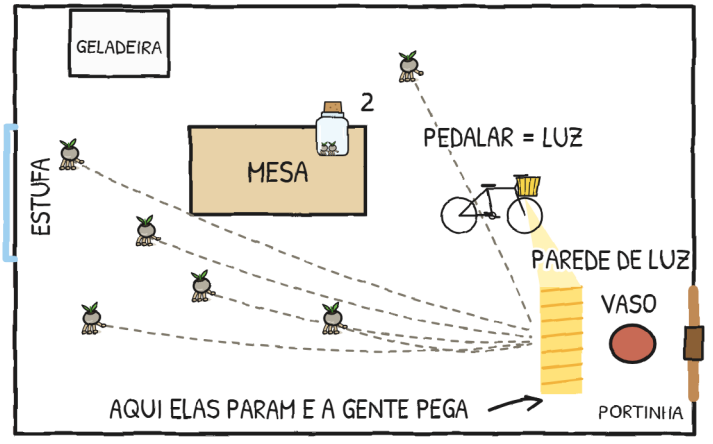
Escrevo isso sem rir, porque não tenho esse direito. Toninho estava com o medo dele em cima de uma cadeira, onde todo mundo via. O meu estava debaixo de uma mesa, com um escorredor.

Profissional de debaixo da mesa. —J.

Dali de baixo, a cada relâmpago, eu via o chão inteiro. As sementes davam voltas entre as cadeiras, mas sempre voltavam para empurrar o vaso da portinha. Não empurravam forte. Empurravam sempre.

Então fiz um mapa.

Desenhei aos relâmpagos, um risco por relâmpago, com o caderno apoiado no joelho: o único jeito que conheço de pensar depressa. Um mapa assim tem as linhas tortas, mas as setas vão todas para o mesmo lugar, e isso era o importante. Na frente da portinha botei uma PAREDE DE LUZ e, ao lado, uma bicicleta: PEDALAR = LUZ.



— Toninho, seu farol acende quando você pedala?

— Claro.

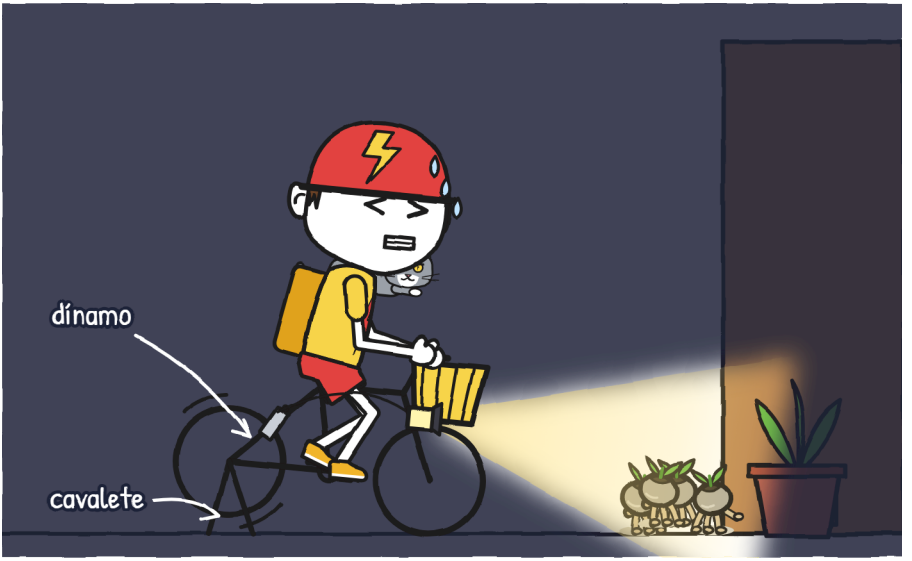
— Então hoje você vai entregar luz.

Flora iluminou o mapa. Júlia espiou por baixo da toalha de mesa. Toninho desceu da cadeira: pela bicicleta dele, ele desce de qualquer lugar.

Colocamos a bicicleta no cavalete, com o farol apontado para a portinha. O dínamo da RAIO fica colado na roda de trás: se ela gira, tem luz. E Toninho pedalou.

Pedalou como nunca tinha pedalado. Principalmente quando o Trovão subiu em cima dele.

Só vendo para entender, e por isso desenhei.



Uma bicicleta que não ia a lugar nenhum, pedalada por alguém que queria estar bem longe. A luz saiu do farol, primeiro amarela e tremida e depois branca e reta, e se plantou na frente da

portinha como uma parede. Era a minha PAREDE DE LUZ, na vida real, com gotas de suor.

As sementes chegavam à luz e ficavam quietas, e a gente ia pegando uma a uma e colocando no frasco. Três. Quatro.

Saí de baixo da mesa e fiquei de gatinhas ao lado de Júlia, na beira da luz. As sementes pisavam na linha e paravam. Pesavam pouco mais que uma bolinha de gude. Era preciso fechar os dedos rápido: assim que a sombra chegava nelas, voltavam a tentar.

O Trovão pegou outra com a boca, e Flora a tirou dele com dois dedos.

— Cinco! — disse.

Seis.

Júlia tirou a rolha da jardineira e Flora tampou o frasco, com a rolha bem apertada para as seis não terem ideias. Depois se abaixou para nos ajudar. Então o Trovão pulou na mesa e derrubou o frasco.

Vi cair pelo canto do olho, bem devagar: o frasco, com a rolha, dando uma volta inteira no ar. E vi Toninho largar os pedais, sair da bicicleta esticado como um goleiro e fechar as duas mãos a um palmo do chão. ZÁS!

— RAIO — disse, deitado no piso, com o frasco no alto. — Em um segundo ou de graça.



Foi a entrega mais rápida que já vi na vida. Reconheço isso aqui, no caderno, porque em voz alta não saiu: o que saiu foi um hic.

Mas ele tinha parado de pedalar, e a luz se apagou. E o Trovão ninguém segura: saiu disparado para a portinha.

No escuro: tic, tic, tic. Depois, croc: o vaso, empurrado por um gato que queria sair e saiu. Clac: a portinha. E atrás, bem rápido, outro tic, tic, tic, que não era o Trovão.

Quando relampejou outra vez, restava no chão uma única semente, e Júlia a pegou. Flora destampou o frasco só o suficiente para a semente entrar e apertou a rolha de novo. Sete.

Com esse mesmo relâmpago vi, através do vidro da porta, o quintal de lajotas brilhando sob a chuva, o caminhozinho e, no

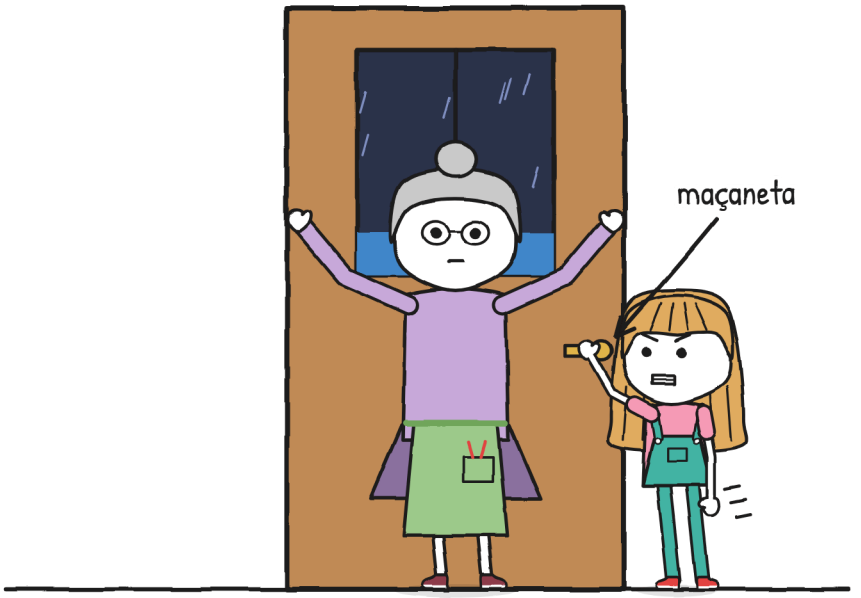
meio do caminhozinho, uma semente pequenininha, parada no meio do passo, com as folhinhas dobradas pela água. Depois ficou de noite outra vez. E com o relâmpago seguinte, no caminhozinho não havia nada.



A oitava tinha saído pela portinha.

— Vou atrás dela! — disse Júlia, com a mão já na maçaneta.

— Com raios, desta casa não sai ninguém — cortou Flora. Não estava para discussões.



Flora se plantou na frente da porta, de costas para o vidro, de braços abertos. Júlia olhou por cima do ombro dela: o caminhozinho, o canal, a chuva. Apertou o maxilar.

Júlia não discutiu. Mas também não soltou a maçaneta.

Pouco depois, a portinha fez clac. Era o Trovão, encharcado pela segunda vez, de pelo colado e com cara de quem nunca tinha mexido num vaso na vida. Vinha sozinho. Sem a oitava. Flora encostou o vaso de novo na portinha com o pé, por via das dúvidas, e ele foi sentar debaixo da mesa, como se a tempestade fosse assunto nosso.

Ninguém disse nada por um tempo; só eu, e o que eu dizia era hic. Lá fora, o céu se acendeu outra vez.

— Relâmpago... um elefante, dois elefantes.

Brrrum.

— Dois — contou Júlia. — Continua muito perto.

Disse isso com a mão na maçaneta, olhando para a porta, não para a gente. Dois elefantes são menos de um quilômetro. Até uma hora antes, para mim isso teria sido a pior notícia da noite; agora era a segunda.

— Então agora, vamos plantar — disse Flora. — Antes que a tempestade vá embora. E no escuro.

— Com raios? — perguntou Júlia, sem soltar a maçaneta.

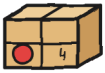
Flora apontou as gotas que subiam pelo vidro da estufa.

— O encantamento continua valendo. Os raios ficam do lado de fora. Nós, do lado de dentro.

Olhamos o frasco. Lá dentro havia sete sementes, algumas com as patinhas coladas no vidro, como se o estivessem medindo, e no vidro tremia o reflexo de cada relâmpago. Sete de oito. Eu, que conto as coisas, fiquei com o número: não é oito, mas também não é zero, e naquela noite me pareceu que com sete dava para começar.

— No escuro — repetiu Flora, olhando para a Migalha.

E a Migalha, olhando para mim, fez hic.



CAPÍTULO 4

Hic

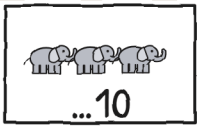
Flora nos explicou como se planta uma lamparina, do jeito que R. tinha ensinado a ela, e eu anotei com a canetinha apertando bem: quatro passos, e o que mais importava era o último, o do prazo.

COMO SE PLANTA UMA LAMPARINA

1. 
Terra molhada de tempestade.
(A da torneira não vale.)

2. 
Abrir o frasco sobre a terra.
(Se abrir antes, elas fogem.)

3. 
Tudo no escuro: elas sozinhas se enfiam na terra.
(Se você enterrar, elas não brotam.)

4. 

Antes que a tempestade vá embora:
com mais de dez elefantes,
só se plantam na próxima.

Até dez elefantes, acordadas. De onze em diante, de volta a dormir. –].

Dois prazos, então: dez elefantes para as sementes; meia hora depois do último trovão para nós.

Flora iluminou o caderno enquanto eu escrevia. Dizia os passos de cor. Não perguntei mais nada sobre R.

Entre o passo 2 e o passo 3 fiz dois hics. A Migalha, duas labaredas, e a cozinha se acendeu duas vezes como um flash. Ninguém disse nada; a essa altura, a Migalha e eu éramos a iluminação da casa. O Trovão, debaixo da mesa, escutava como se os passos fossem para ele.



Flora abriu a porta de vidro da estufa e entrou primeiro. A Migalha vinha colada nas minhas botas. Ou era o que eu achava.

A estufa fica grudada na cozinha. É comprida e estreita, com prateleiras de vasos nas paredes e, no meio, a bancada, uma mesa comprida cheia de terra, com mais vasos embaixo. De dia deve ser um lugar verde e tranquilo. De noite, com tempestade, o teto inteiro ficava branco a cada relâmpago.

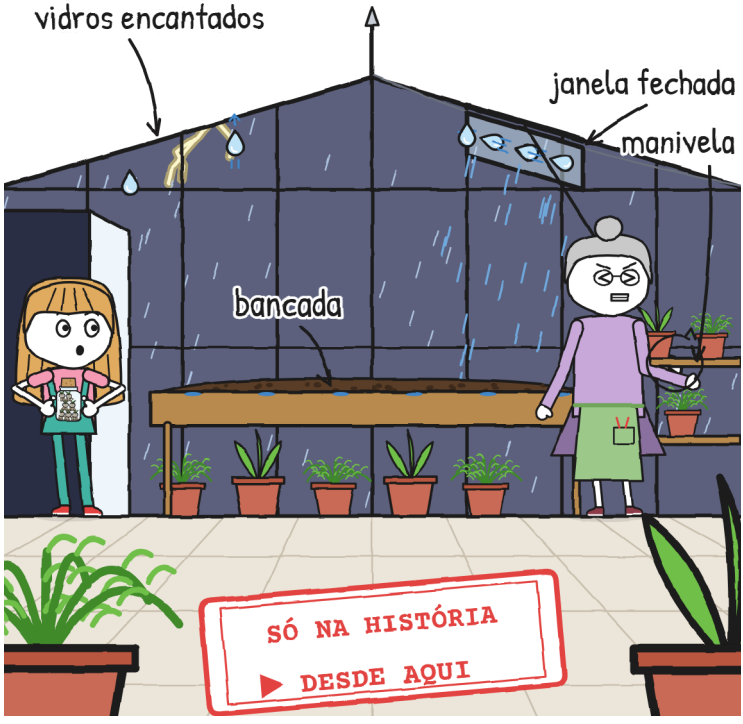
No teto há uma janela que nunca se abre. Flora girou a manivela dela: a janela continuou fechada, mas as gotas pintadas pararam de subir e começaram a descer pelo vidro. Então a chuva de verdade o atravessou e caiu sobre a terra da bancada.

— Tudo na bancada. Nem uma gota no chão — ordenou Flora, como se a chuva fosse dela.

Logo cheirou a terra recém-regada.

Esses vidros só existem na história. Numa tempestade de verdade, nada de estufas. Veja a última página. –J.

— Terra molhada de tempestade — disse Flora. — Agora, tudo no escuro. E depressa.



Júlia tinha ficado na porta com o frasco entre as mãos. Tinha trocado a maçaneta pelo frasco, e apertava do mesmo jeito.

Então veio um barulho de vasos batendo, e embaixo da bancada, lá no fundo, apareceram dois olhos amarelos, duas asas tremendo e, a cada três segundos, uma chaminha. Hic. A Migalha já estava lá dentro: tinha se enfiado entre os pés de Flora quando ela abriu a porta.

Flora a puxou com cuidado. A Migalha se agarrou aos vasos com as quatro patas.

Um filhote de dragão agarrado a dois vasos passa a pesar, de repente, o que pesam dois vasos, e Flora, que arranca ervas daninhas sem pedir licença, soltou a pequena e ficou de joelhos, olhando para ela.

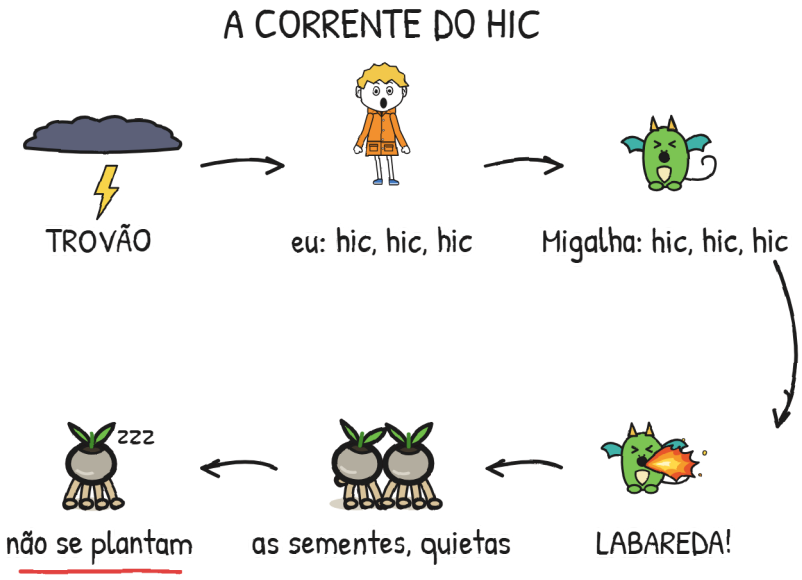
A Vera avisou. Eu ouvi. Você estava estufando o peito. –].

E cada vez que eu fazia hic na cozinha, na estufa a Migalha se acendia: do outro lado da porta, os vasos se iluminavam por baixo. Hic: clarão. Hic: clarão. Como a luz da geladeira, só que a porta era eu e eu não sabia me fechar.

Na cozinha, o hic ajudava: labareda, semente quieta, semente no frasco. Na estufa, impedia o plantio. Com uma labareda a cada três segundos, nunca ficava escuro o bastante. Entre o trovão e a Migalha, de escorredor na cabeça, estava eu.

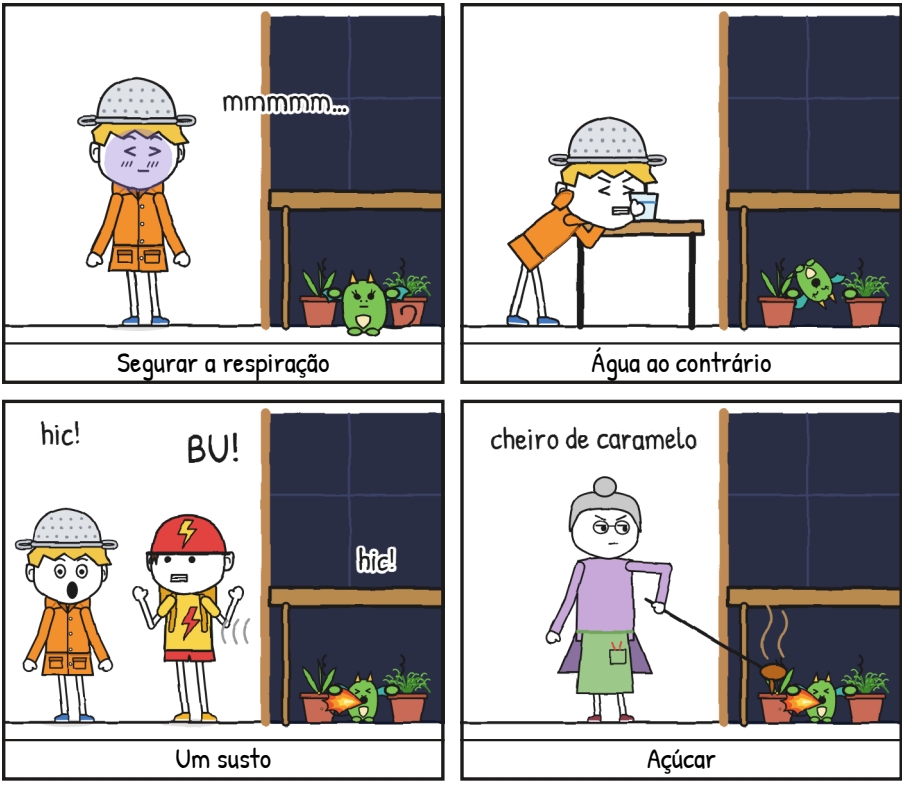
Desenhei para entender.

Experimentamos todos os remédios para o soluço, com a Migalha de ajudante: ela imitava o remédio e, de brinde, o hic.



Tem que quebrar a corrente. O elo mais fácil é você. Com carinho. –J.

Segurar a respiração: eu fiquei roxo e ela, mais verde. Beber água ao contrário: acabei com água no nariz. O susto ficou por conta do Toninho, que gritou "BU!" sem avisar: o susto eu levei, o hic fiz do mesmo jeito, e a labareda da Migalha chamuscou o raio do capacete dele. O último foi uma colherada de açúcar, ideia da Flora: a da Migalha virou caramelo antes de chegar à boca, e a estufa ficou com cheiro de parque de diversões por um bom tempo.



— Quatro elefantes. Cinco.

O trovão soou. Cerrei os dentes. Hic.

— Esse raio caiu mais longe — disse Júlia.

As sete sementes davam voltas dentro do frasco. Nem elas achavam a saída, nem eu achava um jeito de ficar quieto.

— Até dez — eu disse. — Ainda dá tempo.

No relâmpago seguinte, Toninho começou a contar depressa.

— Assim não vale — disse Júlia.

Ele fechou a boca. Flora esperava com a lanterna apagada. Não me mandou ter pressa. Isso foi quase pior.

— A Migalha imita o seu medo — disse Júlia.

— Então que imite outra coisa — eu disse.

Hic. Labareda.

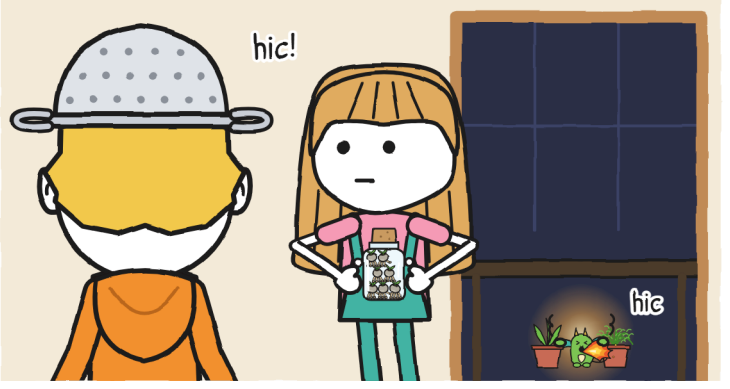
— E se a gente a tirasse de lá? — perguntei.

— Ela se agarra. Você já viu.

Olhei a porta da estufa. Parecia muito mais longe do que antes.

Júlia baixou a voz.

— Primeiro, fica com ela.



Eu tinha um plano. O problema era que ele não servia para isso.

Meu plano para ninguém notar que eu tenho medo de trovão:

1. Dizer que eu adoro.
2. Não fazer hic.
3. ???

O item 2 eu risquei naquela noite à base de hics, até não dar mais para ler. O item 1 continuava de pé, mas ninguém mais acreditava nele, nem eu.

E o 3? –J.

Eu tentei. De verdade.

Cheguei perto da soleira. Júlia se afastou com o frasco para me dar espaço. Ninguém me empurrou.

Pus um pé dentro da estufa, bem decidido, de escorredor na cabeça e uma mão no batente da porta. O pé entrou bem. Entrou como entra um pé na piscina em junho: o pé, sim; o resto, depois a gente vê.

Um relâmpago deixou o teto inteiro branco. Contei sem querer: cinco elefantes.

BRRRUM!

Os vidros encantados não paravam o barulho. O teto inteiro soou como um tambor. HIC! Embaixo da bancada: HIC!, e uma labareda.

A próxima coisa que sei é que eu estava de novo na cozinha, colado na geladeira, com o escorredor até as sobrancelhas. Não

lembro de ter andado. Os meus pés, como as minhas mãos, têm as próprias manias.

Fiquei encostado na geladeira, com as mãos frias e o coração nas orelhas. A dois dedos da minha cabeça estava a foto do calçadão: uma fileira de luzinhas que, por enquanto, eu estava apagando à força de hics.



Da porta, olhei para cima, pelo teto de vidro. E entre um relâmpago e outro, eu os vi: os dragões da Vera, voando dentro da tempestade.

Eram quatro. Três, enormes, azul, laranja e violeta, cruzando entre os raios como se os raios fossem as luzes de uma pista; e, entre eles, um quarto, vermelho, menor. Voavam bem acima do telhado, dentro da tempestade, onde mais troveja, e não mostravam pressa nenhuma. Um relâmpago os desenhava inteiros, brancos, com cada escama; depois se apagava, e dava para saber que continuavam lá porque a chuva no teto se partia em sombras.

Por isso Vera não tinha vindo com a gente: com tempestade eles saem para voar, e ela fica em casa, de olho neles até voltarem. Olhei os dragões e depois a bancada. Um dia a Migalha voaria com eles. Naquela noite estava feita uma bola entre os vasos, me imitando.



Eles não faziam hic.

— Vamos, caçador — disse Toninho.

Esperei a piada. Não veio. Toninho pôs uma mão no meu ombro.

Tirei o escorredor e dei para Flora.

Flora o segurou pelas alças como se fosse um capacete de verdade. Passei a mão no cabelo amassado. Minha cabeça pesava igual.

E entrei.

Lá dentro, a chuva soava como mil dedos tamborilando ao mesmo tempo. Entrei de gatinhas embaixo da bancada. A Migalha estava lá, feita uma bola, tremendo como eu.

Cheirava a terra molhada. Agachei ao lado dela e abracei os joelhos. Eu tremia da barriga; ela, das asas. Entre os dois, fazíamos os vasos vibrarem.

Tentei contar. "Um elefante, hic, dois ele..., hic". Os hics se enfiavam no meio dos elefantes. Perdi a conta.

Pensei em sair. As minhas pernas já tinham começado.

A Migalha apertou os vasos com as quatro patas.

Fiquei.

BRRRUM! Fiz hic. A Migalha fez hic. A labareda iluminou a nós dois.

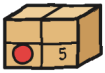
Tinha a minha cara. Com escamas.

Éramos dois caçadores de tempestades embaixo de uma bancada.

Então, da porta, a Júlia falou baixinho, sem rir:



– Conta comigo.



CAPÍTULO 5

Conta comigo

E contamos. Ela da porta e eu embaixo da bancada, de cócoras, com a Migalha tremendo contra a minha capa de chuva.

Relâmpago.

— Um elefante. Dois elefantes. Três. Quatro. Cinco. Seis.

Brrrum.

— Seis: uns dois quilômetros — disse Júlia. — Esse raio caiu mais longe. Continuamos abrigados.

Dessa vez eu sabia que o trovão tinha chegado no seis. Sem contar, teria sido só mais um trovão. Contar tinha me dado alguma coisa para fazer enquanto esperava.

A Migalha continuava tremendo contra a minha capa de chuva.

Eu já tinha tentado o escorredor. E a água. E sair da estufa. E entrar de novo.



— Tenho medo de trovão.

Falei isso na direção dos vasos. Júlia ouviu mesmo assim.

— Eu sei. Você desenhou hoje de manhã, quando disse que era caçador de tempestades. Estava esperando você.

Júlia já tinha me dito que a Migalha imitava o meu medo. Eu tinha procurado outra coisa para consertar: o soluço, os vasos, a porta.

Dessa vez não disse "mas".

Não agradeci em voz alta. Deixo os agradecimentos aqui.

Lido. De nada. –J.

— Eu tenho medo de gato — disse Toninho.

O Trovão dormia no colo dele. Toninho não mexeu as mãos.

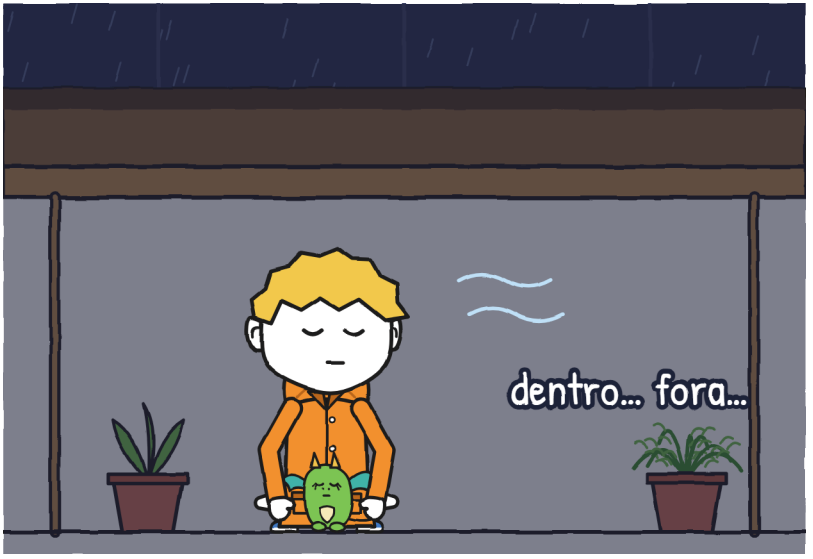
— E eu, de esperar o que não chega — disse Flora. — Por isso eu abria o frasco logo.

E eu, das passarelas. Isso vocês já sabiam. –].

Ninguém riu.

Lá fora continuava chovendo do mesmo jeito. A Migalha continuava contra a minha capa de chuva. Embaixo da bancada eu já não estava sozinho.

Respirei devagar, como na passarela. Dentro. Fora. A Migalha respirou comigo. Quando ela parou de tremer, as minhas mãos também afrouxaram um pouco.



Relâmpago. Contamos juntos até nove. Brrrum. Toninho, da cadeira, fez "umdoistrês" em voz baixa e parou no três, onde ele sempre para. O Trovão nem acordou.

E não fiz hic. Nem nesse trovão nem no seguinte.

Esperei o hic e ele não veio. A Migalha inclinou a cabeça. Pela primeira vez a noite inteira, a estufa ficou escura o tempo que era preciso.

— Agora! — sussurrou Flora.

Júlia entrou na ponta dos pés, no escuro. De baixo da bancada, agachado, ouvi passarem os tênis dela diante de mim, devagar, um na frente do outro, como se o chão da estufa fosse uma passarela. Pôs o frasco em cima da terra molhada e o destampou. A rolha fez um pop pequeno, desses que pedem desculpa; nada a ver com o POP! da cozinha. Depois voltou para a porta sem fazer barulho, sem correr, com o pé quieto.

Dessa vez abri o frasco na hora certa. Só para constar. —J.

Tic, tic, tic. No escuro, algo saía do frasco.

Não dava para ver nada: dava para ouvir. Sete barulhinhos de patas de raiz descendo pelo vidro e pisando terra molhada, um tic para cada uma, um pouco mais devagar que a chuva. Acho que é o menor barulho que já ouvi na vida, e nunca escutei nada com tanta atenção, nem mesmo a casca do ovo da Migalha se quebrando, há dois sábados.

Relâmpago, bem longe. Contamos sem voz, só com os lábios, Júlia na porta e eu embaixo da bancada: um elefante, dois, três... sete elefantes, oito, nove, dez... Brrrum.

Dez. Mais um elefante e as sete teriam dormido em cima da terra até a próxima tempestade. Dez era o último que valia.

Com o relâmpago seguinte, vimos:

O frasco estava vazio, deitado numa ponta da bancada. Na terra havia sete buraquinhos em fila, como os de uma flauta, e no último ainda aparecia uma patinha de raiz que acabava de se enfiar: a última.



Em seguida ficou escuro de novo, e com o relâmpago seguinte a patinha já não estava lá.

Depois, um tempinho de nada. Só nós, no escuro, olhando uma bancada de terra.

Flora estava com as mãos juntas diante da boca. Toninho não se mexia, por causa do gato. Júlia, pela primeira vez, também não. A Migalha e eu respirávamos ao mesmo tempo.

E então a primeira se acendeu.

Foi uma luzinha no meio da bancada, verde e dourada, do tamanho da chama de uma vela, e saía da terra. Cresceu. Subiu por um caule fino, como o suco sobe por um canudinho, e no alto se abriu uma flor redonda e fechada, de papel fino, com a luz dentro. Depois se acendeu a segunda. Depois já não consegui contar na ordem, porque as que faltavam se acenderam quase juntas, como os postes de uma rua quando anoitece.

Sete lamparinas. Cada uma com um pedacinho de relâmpago dentro.

Não era luz de relâmpago. Um relâmpago deixa a estufa inteira branca por um nada e deixa a gente pior do que antes. Esta era amarela, com um pouco de verde, e ficava: um relâmpago quieto, um que tinha aprendido a esperar. Iluminava só o necessário: a terra, os caules, os rostos. Flora, com as mãos na cabeça. Júlia, de boca aberta e sem nada dentro para dizer. Toninho, com o Trovão nos braços, sem saber como o gato tinha chegado até ali. E a Migalha e eu, recém-saídos de debaixo da bancada. A Migalha olhava de boca aberta, do mesmo jeito que eu. Já não imitava o meu medo. Imitava isto.

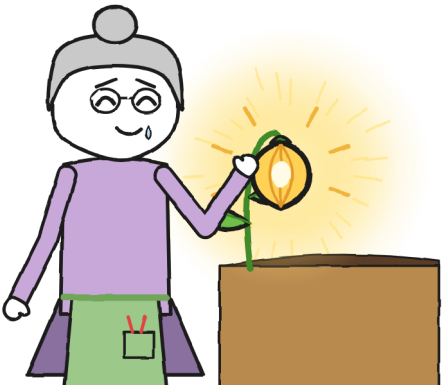


Longe, bem longe, voltou a trovejar. Júlia contou por costume, em voz baixa, e o número se perdeu pelo caminho.

Flora não disse nada por muito tempo. Depois tocou numa das flores com a ponta do dedo, devagar, como se toca algo que há muito tempo espera por você.

— Assim era o calçadão — disse.

Disse isso na direção da flor. Na foto da geladeira havia uma luz como aquela, e outra, e outra, até a passarela.



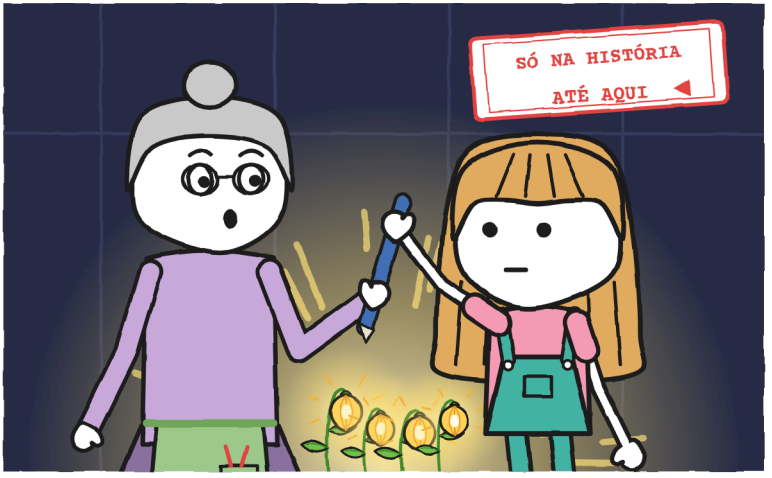
Os óculos de Flora embaçaram. Não vou escrever que ela chorou. Isso eu desenho, que é outra coisa: Flora não é de chorar, é de regar.

Eu também toquei numa. A Migalha também, com uma pata, com muito cuidado. Estava morna, como a pedra solar do ninho da Migalha, que guarda o calor do dia. Esta guardava outra coisa, e guardava igualmente bem. As samambaias da Flora, aliás, continuavam inteiras.

Flora girou a manivela. As gotas pintadas voltaram a subir e parou de chover sobre a bancada. Depois, ali mesmo, entre as lamparinas, pegou uma caneta para assinar.

Era azul. Nem deu tempo de eu ver se apagava ou não, porque Júlia já estava com a mão em cima.

— Ainda não — disse Júlia, e deteve a mão dela. — Falta uma. A oitava. Ela se foi por minha culpa: abri o frasco antes da hora.



Júlia passou o dia inteiro esperando aquela assinatura. Acabava de barrar a assinatura com dois dedos.

Flora ficou com a caneta no ar. Depois a guardou.

— Está bem — disse.

Voltamos para a cozinha um por vez, com as sete lamparinas acesas atrás do vidro. Já na cozinha, Flora se plantou na nossa frente:

— O quintal continua fechado. Ainda não vamos sair.

Ninguém discutiu.

Júlia descolou a etiqueta da caixa, devagar, para não rasgar, e a guardou no bolso da jardineira, como quem guarda uma chave.

Se vai entregar, entrega inteiro. –J.



Esperamos na cozinha até Júlia ficar sem relâmpagos para contar.

Doze elefantes. Dezesseis. Vinte e um, e um trovão que já não era um trovão, e sim um barulho de móvel arrastado dois andares acima. Depois o céu se acendeu uma última vez por trás das nuvens, e Júlia contou até acabarem os elefantes e não vir nada. Parou de chover na janela. A tempestade tinha ido embora. Mesmo assim, Flora nos manteve lá dentro por mais meia hora, contada desde o último trovão. Era a regra de Júlia, e daquela vez foi ela quem teve de cumprir, de dentes cerrados.

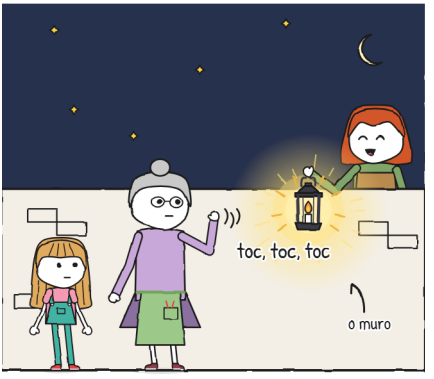
Flora abriu a porta dos fundos. O quintal estava molhado e quieto, com as lajotas brilhando, e entre as nuvens havia estrelas, poucas, daquelas que saem para ver o que aconteceu. Júlia ficou na soleira, e eu ao lado dela.

A oitava continuava lá fora. Da casa da Flora não se via a passarela: o muro do calçadão a escondia. Se não tinha achado terra a tempo, já seria só mais uma pedra. Pensei na chuva descendo em direção ao canal e parei de olhar para a água.

E restava o prazo de sempre: sem a assinatura de Flora, ao amanhecer o nº 2 voltaria voando para a estante. Tínhamos até o sol nascer.

— Vamos procurar a oitava — disse Júlia.

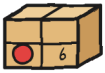
Júlia estava de novo com a mão na maçaneta. Agora a porta estava aberta.



Flora olhou a noite por um bom tempo. Depois deu três batidas no muro do quintal, a parede da Casa dos Dragões, como a Vera tinha dito. Toc, toc, toc. Com os nós dos dedos, sem pressa.

Por cima do muro, do outro lado, uma luz de lampião se acendeu.

— Desta vez — disse — vocês não vão sozinhos.



CAPÍTULO 6

A oitava

Saímos com duas adultas, um lampião e uma bicicleta. Antes, Flora ligou para a minha casa e para a de Júlia: "Devolvo os dois hoje à noite, e eles não vão sozinhos".

Foi a primeira saída da minha vida feita com lista:

- Vera, com o lampião dela.
- Flora, com a lanterna.
- Toninho, com a bicicleta, empurrando para o dínamo dar luz.
- Júlia, com o frasco vazio e a etiqueta no bolso da jardineira.
- E eu, com a Migalha dentro da capa de chuva, com a cabeça de fora.

Vera chegou pela rua um minuto depois das batidas, com o cabelo vermelho úmido e o lampião no alto. Parou na nossa frente sem perguntar quem tinha perdido o quê.

A Migalha e eu já não tremíamos.

Procuramos no quintal, no caminhozinho, na beira do canal.

Flora examinou as lajotas com a lanterna. Toninho percorreu o meio-fio empurrando a bicicleta. Júlia tocou as pedras do calçadão para ver se alguma estava morna. A Migalha e eu olhamos embaixo de cada moita. Nada.

Semente dormindo, de noite, é só mais uma pedra. E um calçadão tem pedras demais: descobri isso naquela noite, de joelhos, ao lado de Júlia. Todas tinham jeito de semente dormindo. Nenhuma era.

Toninho procurou do jeito que entrega: o calçadão inteiro em dez minutos, de ida e de volta, e depois mais uma vez.

A luz do lampião enchia de reflexos as pedras molhadas. Então pensei: uma lamparina recém-brotada brilharia pouco. Estávamos procurando uma luzinha com as nossas três luzes acesas: elas a engoliam.

— Apaguem tudo! — eu disse.

Ninguém perguntou por quê. Toninho freou de repente, e a luz da bicicleta se apagou (a RAIO nunca para). Vera baixou a chama do lampião até ela virar nada. Flora apagou a lanterna. Por um momento não houve nenhuma luz em todo o calçadão.

E no escuro, no fim do calçadão, apareceu uma luzinha.

Estava ao pé da passarela.

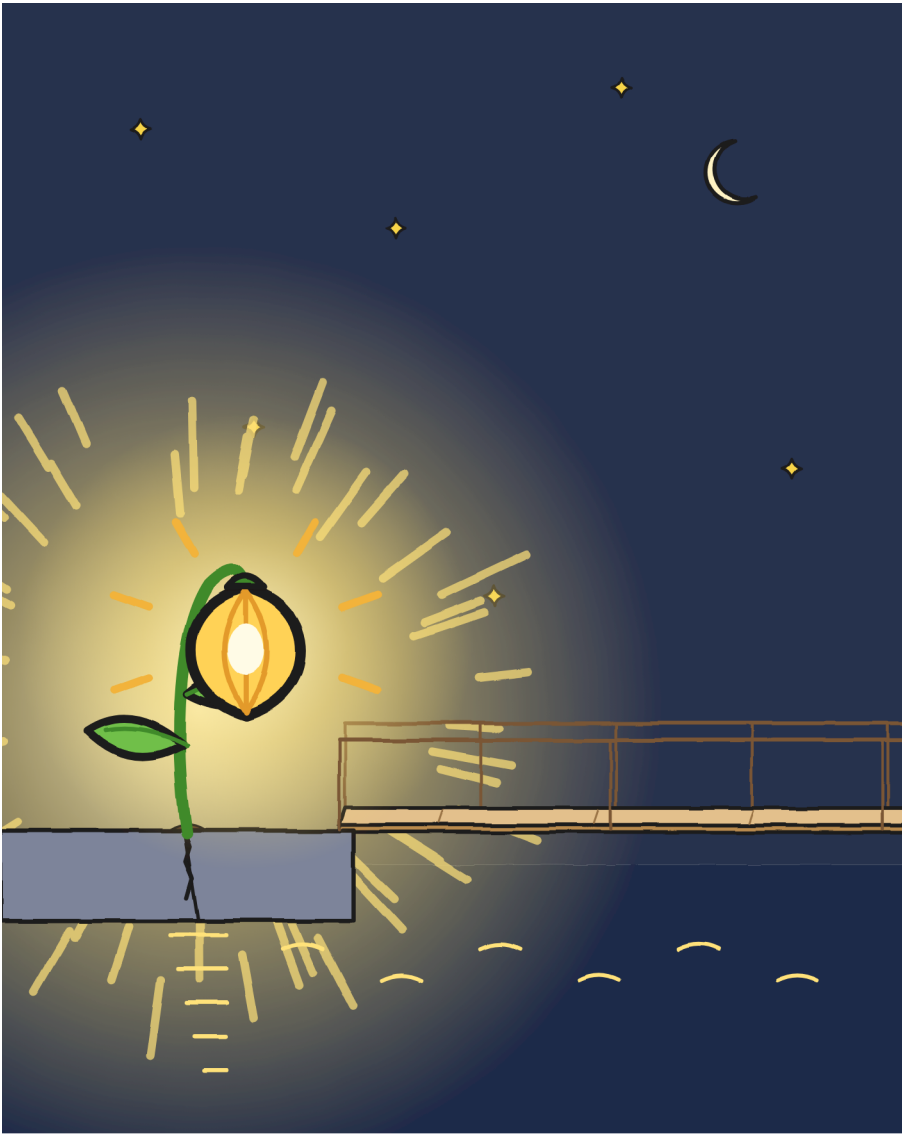
Júlia saiu andando em direção a ela. O resto de nós foi atrás.



A chuva a tinha arrastado pelo caminhozinho até o calçadão, e ela tinha parado numa fresta entre duas pedras, dessas onde sempre tem um dedo de terra e uma erva que ninguém plantou. Ali ela tinha se plantado sozinha. De longe, uma luzinha. De perto, iluminava tudo.

Tinha o caule torto e a mesma luz das sete da estufa. Iluminava o começo da passarela e um pedacinho de água.

Júlia olhou para a passarela. Com luz, parecia outra: mais curta, mais larga, mais de madeira do que de água. Dessa vez dava para ver onde ela acabava.



Pôs um pé na tábua. Só um. Depois o tirou. Não foi um passo, foi um teste, mas o pé ficou um momento bem plantado, com a luz da

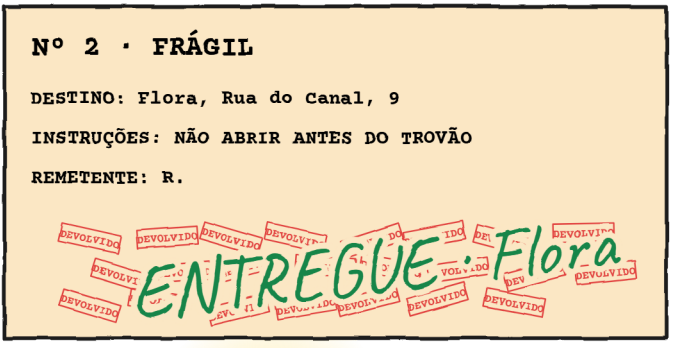
oitava embaixo, e ninguém disse nada. Eu não disse “passo”: dessa vez ela via o caminho.

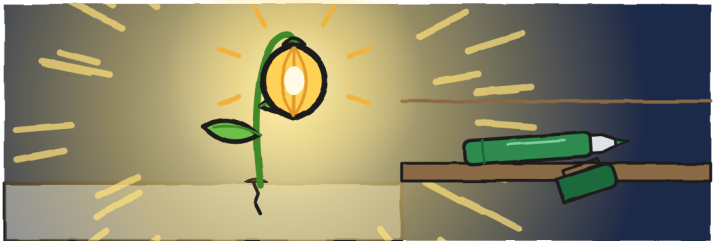
De longe, já não me dá medo. De perto, quase também não. –].

— Essa fica aqui — disse Flora. — Escolheu o lugar.

Júlia tirou a etiqueta e a canetinha verde. Flora a apoiou na beira da passarela e assinou à luz da oitava.

Por cima dos vinte e três carimbos de DEVOLVIDO ficou escrito, em verde: ENTREGUE · Flora.





Na despedida, na porta, Flora me deu o escorredor dela.

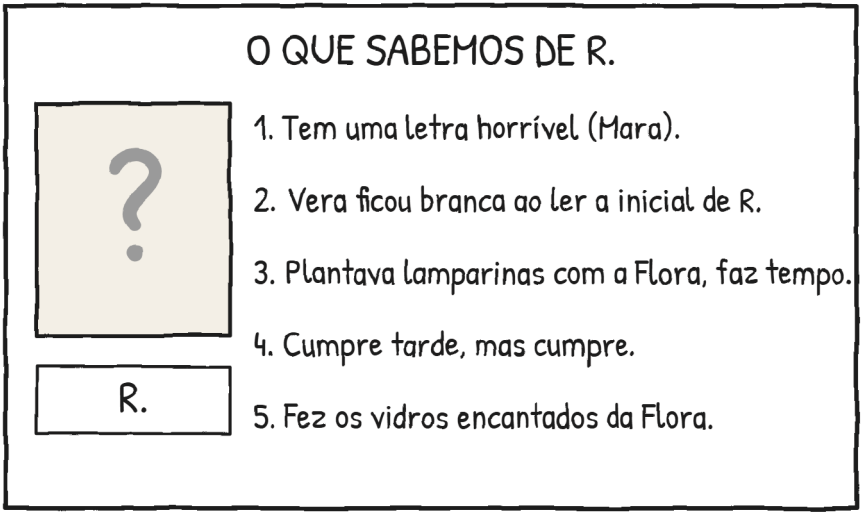
— Fica com ele. Para a próxima tempestade.

Depois acrescentou:

— Diz à Mara que já era hora.

Estendeu o escorredor para mim pelas alças, como se fosse um capacete de verdade. Não disse "se houver outra tempestade": disse "a próxima", como se diz "no próximo sábado". Agora ele está pendurado no puxador da janela do meu quarto, em cima das caixas, que continuam fechadas. É a primeira coisa daquele quarto que não veio em nenhuma.

Do recado não consegui perguntar nada: Flora fechou a porta antes que desse tempo. A ficha de R. ficou assim:



6. Ninguém diz o nome de R. Isso também é uma pista. –J.



Vera deixou a Migalha no ninho dela, dormindo antes de chegar, em cima do meu suéter listrado, que está lá há dois sábados e já cheira mais a ela do que a mim. "A primeira tempestade dela", disse, e a cobriu até o queixo. A Migalha dormia de boca um pouco aberta, igual a mim, segundo a minha mãe. Da tempestade ela não vai se lembrar. Para isso tem este caderno.

Depois nos levou até a loja na van dela, com a bicicleta do Toninho deitada atrás, pela ponte da estrada: a Ponte Grande já estava levantada. Júlia sentou junto à janela do lado do canal e olhou a água de frente durante a ponte inteira: estava

procurando uma coisa. E dava para ver. Lá no fundo de tudo, ao pé da passarela, pequenininha, havia uma luz. Uma. Num canal que fazia anos que não tinha nenhuma.

A loja estava no escuro. Não só sem luz: no escuro total, até o cartaz; o pouco que se via era por causa do poste da rua. Vera nos deixou na porta e voltou para os dragões dela, que depois de uma tempestade, disse, demoram para dormir. Mara não estava no balcão.

Estava embaixo.

Espiamos os três por cima do balcão, Júlia, Toninho e eu, em fila, com o queixo apoiado na madeira, e lá embaixo, no vão, estava Mara: enrolada numa manta até o pescoço, de abafadores nas orelhas e uma panela na cabeça, e o chapéu em cima da panela, porque Mara não tira o chapéu nem para isso. Abraçava o sapo de borracha. O meu sapo. O que não era de ninguém. Agora eu sabia para que Mara o queria.

— Já passou? — perguntou.

Eu conhecia aquela voz. Era a minha, quando eu falava de debaixo da cama.

— Faz um bom tempo — disse Júlia.

Mara continuava ali: manta, abafadores e panela.

Tinha levado o pacote vinte e três vezes. Nenhuma com tempestade.

Naquela manhã já tinha tudo preparado no fim do balcão: a manta, os abafadores, a panela. Eu tinha visto, e tinha ficado olhando o pacote.

"Coisas para fazer aqui". Sei. –].

Dei o recado da Flora.

Mara não perguntou que Flora, nem que hora, nem hora de quê. Baixou a panela até as sobrancelhas, o mais parecido com ficar vermelha que dá para fazer com uma panela na cabeça, e embaixo achei ter visto um sorriso daqueles que ela já não usa, o da foto antiga das duas bruxas jovens, a do adesivo, que fica pendurada atrás do balcão. Mara e Flora se conhecem, e não só de vinte e três entregas. Não sei de quê; vai para a lista de perguntas para outro sábado, que já está na segunda página.

— Eu também tenho medo de trovão — disse a ela.

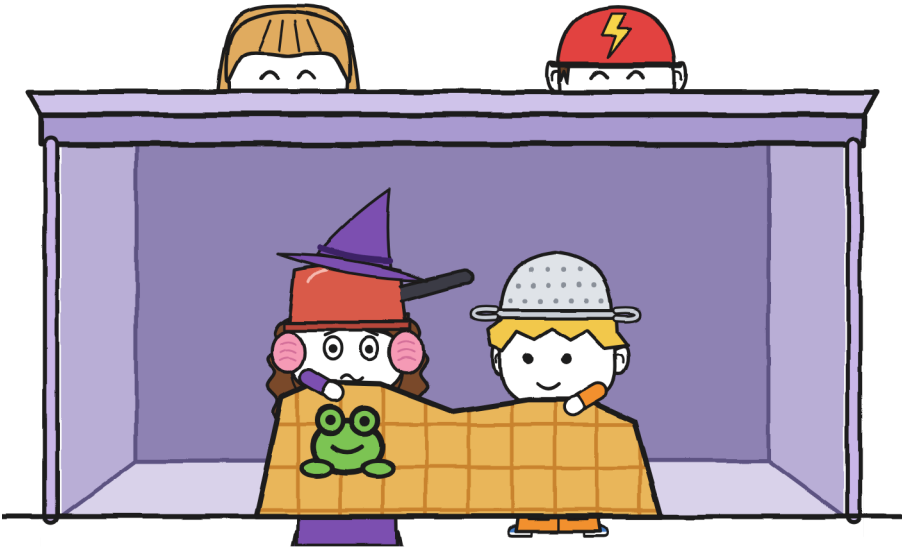
A primeira vez, embaixo da bancada, tinha me custado uma tempestade inteira. A segunda saiu sozinha, como um hic.

Mara não disse nada. Levantou a manta.

Botei na cabeça o escorredor, que eu não tinha largado desde a porta da Flora. Era para isso que tinham me dado. E entrei embaixo do balcão com ela.

Nos encaixamos.

Mara tinha a panela; eu, o escorredor. Ela continuava abraçando o sapo. Por cima do balcão apareciam Júlia e Toninho. Nenhum dos dois ria.



Ficamos assim até Mara se acalmar, ou até um pé meu dormir, que dá no mesmo. Quando ela saiu de lá, acendeu a luz, e Júlia deixou a etiqueta em cima do balcão, junto ao carimbo: vinte e três DEVOLVIDO e, em cima, ENTREGUE · Flora. Mara leu sem tocar, por muito tempo, como tinha lido a do nº 1. Depois olhou para o fim do balcão, onde já não havia manta, e foi buscar uma caixa.

Mara emborcou uma caixa de entrega para o Toninho, junto aos banquinhos.

— Por enquanto — disse.

"Por enquanto", na boca de Mara, podia durar bastante.

Toninho sentou. A caixa era tão baixa que os joelhos quase tocavam o queixo dele. Ficou.

Júlia passou para ele a canetinha verde.

Na mochila, depois de "salvo tempestade", Toninho acrescentou duas palavras:

"e gatos".



Agora a letra miúda diz a verdade. –J.

Depois Júlia subiu no meu banquinho azul, o mais perto da parede, riscou o 19 do cartaz e escreveu ao lado um 18, maior, com vontade de riscar esse também.

Consertei o meu plano. Para os trovões:

1. Contar elefantes.
2. Com alguém.
3. Se eu fizer hic, tudo bem.



E não dizer que você é caçador de nada. –J.

Estávamos fechando quando tocou um sininho.

Tlim.

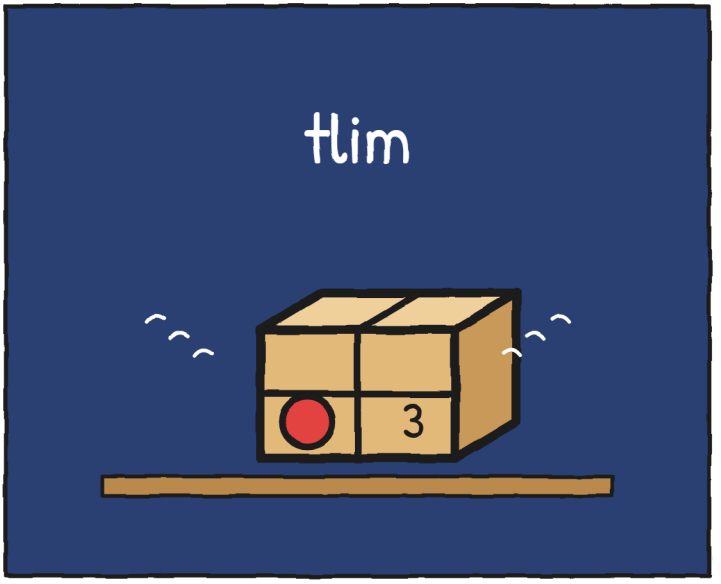
Não vinha da porta. Vinha da estante dos devolvidos: o nº 3, junto aos dois espaços vazios.

Cheguei perto para ler a etiqueta.

Nº 3 · PARA TONINHOZINHO.



Toninho ficou da cor do capacete dele.

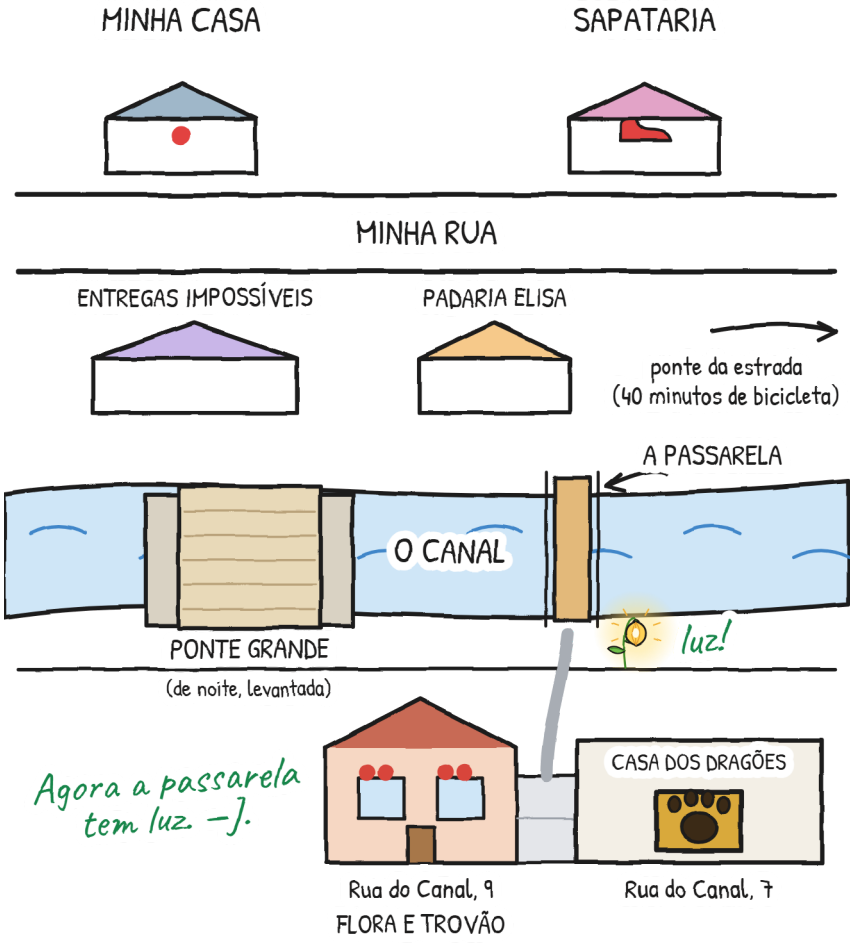


Quem manda pacotes para o Toninho? –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

(em breve)

O BAIRRO (versão 2)



UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. Mesmo temporal. –J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)

TEMPESTADE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Se ouvir um trovão, mesmo longe, entre em casa: o raio já pode chegar até você.
2. Dentro de casa, com um adulto, longe de janelas, portas e vidros. Nada de estufas, pontes, árvores nem água.
3. Não saia até meia hora depois do último trovão.
4. Contar elefantes serve para saber se um raio caiu perto ou longe, e para se acalmar. Não serve para saber quando sair.

CONTE A SUA TEMPESTADE

De dentro de casa: conte elefantes entre o relâmpago e o trovão.

Relâmpago	Elefantes	Quilômetros (1 a cada 3, aprox.)	Esse raio, mais perto ou mais longe?
1	15	5	–
2	9	3	mais perto

Você fica com soluço quando troveja? Conte elefantes. E conte com alguém. –].